

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS – CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Paulo Murilo Correia Correia

**ESPORTE ADAPTADO COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NA
CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A DEFICIÊNCIA:** Estudo de caso com estudantes do
ensino fundamental

Florianópolis

2019

Paulo Murilo Correia Correia

**ESPORTE ADAPTADO COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NA
CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A DEFICIÊNCIA: Estudo de caso com estudantes do
ensino fundamental**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Licenciatura do Centro de Desportos da
Universidade Federal de Santa Catarina como
requisito para a obtenção do Título de Licenciado
em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dr. Bruna Barboza Seron

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra

Correia Correia, Paulo Murilo

ESPORTE ADAPTADO COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NA
CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A DEFICIÊNCIA: Estudo de caso com
estudantes do ensino fundamental / Paulo Murilo Correia Correia;
orientador, Bruna Barboza Seron, 2019. 61 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Desportos, Graduação em Educação Física,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Esporte adaptado. 2. Conscientização. 3. Educação física escolar. In. I.
Seron, Bruna Barboza. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Educação Física. III. Título.

Paulo Murilo Correia Correia

**ESPORTE ADAPTADO COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NA
CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A DEFICIÊNCIA:** Estudo de caso com estudantes do
ensino fundamental

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de
“Licenciatura em Educação Física” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação
Física.

Florianópolis, 03 de julho de 2019.

Prof. Dr. Giovani Firpo Del Duca
Coordenador do Curso
Centro de Desportos - UFSC

Banca Examinadora:



Prof.^a Dra. Bruna Barboza Seron
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Ms. Roger Lima Scherer
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dra. Cíntia de La Rocha Freitas
Universidade Federal de Santa Catarina

Ensinar exige compreender que educação é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 1996).

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico esse trabalho aos meus pais, minha namorada e a minha avó que são meus maiores exemplos, sou grato pelos incentivos e todas as orações diárias que vocês me dedicaram, obrigado por estarem sempre ao meu lado dando todo o suporte necessário para chegar até aqui. Sou grato a minha orientadora pela atenção e dedicação para me orientar nessa monografia. Obrigado aos amigos, a Associação Atlética Acadêmica de Educação Física (AEF) e a Equipilantra que sempre me apoiaram.

RESUMO

O esporte adaptado vem sendo uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento do aluno de maneira crítica na sociedade, funcionando como um veículo eficaz para criar conscientização sobre deficiência entre os jovens. Além disso, pode provocar mudanças de atitudes em relação às pessoas com deficiência, proporcionar reflexões quanto à perspectiva de possibilidades de todos fazerem parte do mesmo grupo, valorizando as singularidades e assumindo um compromisso com a inclusão social. O estudo tratou-se de uma experiência de caso situacional com uma pesquisa de intervenção com relação causal durante a Disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar I do curso de Licenciatura em Educação Física. Participaram 22 alunos do quinto ano do ensino fundamental, os mesmos não possuíam nenhuma deficiência. A pesquisa foi realizada por meio de análises qualitativas (análise de conteúdo) por meio de dois questionários e dois vídeos. Após as intervenções os conhecimentos sobre o conceito de deficiência avançaram de uma percepção baseada na tradição do modelo médico e o senso comum para a construção um olhar mais social às diferenças. O esporte adaptado na escola pôde se tornar um campo de informação para enxergar diferentes formas de se relacionar ampliando o leque de oportunidades. O conhecimento sobre o esporte adaptado ficou claro ao se tornar tema da feira de ciências da escola escolhido pela turma. Em suma, compreende-se que o esporte adaptado na escola é peça importante para conscientização dos alunos sobre a deficiência.

Palavras-chave: Esporte adaptado. Conscientização. Educação física escolar.

ABSTRACT

Adapted sport has been a critical tool for student development in a critical way in society, working as an effective vehicle to raise awareness about disability among students. In addition, it can lead to changes in attitudes towards people with disabilities, reflection on the prospect of everyone being able to be part of the same group, valuing singularities and making a commitment to social inclusion. This academic work was a situational case experience with an intervention research with causal relation during the Discipline of Supervised Internship in Physical School Education I of the Licentiate course in Physical Education. Twenty-two students from the fifth year of elementary school participated, these did not have any deficiencies. The research was performed through qualitative analysis (content analysis) through two questionnaires and two videos. After the interventions the knowledge about the concept of disability advanced from a perception based on the tradition of the medical model and the common sense to develop a more social view of differences. The adapted sport in the school could become an information field to see different ways to relate by expanding the range of opportunities. The knowledge about adapted sport became clear when turned as a theme of the science fair of the school chosen by the class. In short, it is understood that the adapted sport in the school is important piece for students' awareness about the deficiency.

Keywords: Adapted sport. Awareness. School physical education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vôlei Sentado	27
Figura 2 – Vivências com a cadeira de rodas - basquete e handebol em cadeira de rodas	28
Figura 3 – Rodas de conversa	30
Figura 4 – Desenhos	32
Figura 5 – Futebol de cinco	32
Figura 6 – Jogo da velha e libras	33
Figura 7 – Pega-corrente e a inclusão	33
Figura 8 – Handebol em cadeira de rodas	34
Figura 9 – Construindo o cartaz	35
Figura 10 – Construindo o cartaz 2	35
Figura 11 – Remoção de barreiras	42
Figura 12 – Terceiro lugar na feira de ciências	49
Figura 13 – Feira de ciências	49
Figura 14 – Trabalhos da turma na feira de ciências	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Planejamento das aulas	28
Quadro 2 - Respostas destacadas dos alunos sobre aprender o tema	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MEC - Ministério da Educação

ONU - Organização das Nações Unidas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1. OBJETIVOS	18
1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
2. REVISÃO DE LITERATURA	19
2.2. EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	19
2.3. ESPORTE ADAPTADO COMO CONTEÚDO CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	20
3. METODOLOGIA	24
3.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	24
3.2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO.....	25
3.3. PARTICIPANTES DO ESTUDO	26
3.4. MÉTODO DE DESENVOLVIMENTO DAS AULAS – INTERVENÇÃO	26
3.5. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	35
3.5.1. QUESTIONÁRIOS E VÍDEOS.....	36
3.6. ANÁLISE DOS DADOS	37
4. RESULTADOS	39
4.1. QUAL A VISÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A DEFICIÊNCIA?	39
4.2. O BRINCAR/JOGAR E O ESPORTE ADAPTADO NA ESCOLA	43
4.3. P.S: UMA SURPRESA!.....	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6. REFERÊNCIAS	53
7. APÊNDICES	59
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	59
APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA.....	61
8. ANEXO	62
ANEXO A – MÚSICA INCLUSIVA.....	62

1. INTRODUÇÃO

O interesse nesta temática de estudo se dá por acreditar que o esporte adaptado pode ser peça colaborativa no processo inclusivo nas escolas e no pensar a deficiência. A educação física escolar é uma ponte para compreensão do outro, pois o conhecimento e a formação de atitudes são derivados de nossas experiências e de um fluxo de informações intenso em nosso meio, estando-nos dessa forma em permanente formação. Ao se pensar a escola, os estudantes podem se aproximar de novos conteúdos para refletirem as barreiras sociais que dificultam a inclusão, podendo assim se tornarem cidadãos mais críticos contribuindo para a construção de suas atitudes sobre a deficiência.

Essas ideias estão apoiadas em declarações e solicitações das Organizações Unidas (ONU) e Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que trazem de maneira urgente e necessária a discussão sobre tolerância e conscientização sobre a diversidade. Em 1995, a UNESCO publicou uma declaração de princípios da tolerância afirmando que a tolerância é o respeito, aceitação e valorização da rica diversidade das culturas do nosso mundo, das nossas formas de expressão e das formas de ser humano. Consta ainda nessa declaração que a tolerância é fomentada pelo conhecimento, abertura, comunicação e liberdade de pensamento, consciência e crença, sendo não apenas um dever moral, mas também uma exigência política e legal. Além disso, afirma que a educação é o meio mais eficaz de prevenir a intolerância.

No entanto, apesar do esforço para o efetivo reconhecimento da diversidade humana, as barreiras ambientais e atitudinais são consideradas, ainda, o maior obstáculo que impede a participação plena e efetiva dessa população (ONU, 2006). Para a eliminação dessas barreiras, as Organizações Unidas (2006) afirmam que os Estados deveriam adotar medidas efetivas para: aumentar a conscientização sobre a deficiência em toda a sociedade; combater estereótipos e preconceitos em relação à pessoa com deficiência; e, além disso, proporcionar o conhecimento das potencialidades dessa população. Ademais, ressaltam que essas medidas deveriam ser fomentadas em todos os níveis do sistema educativo, contribuindo para uma atitude de respeito pelos direitos das pessoas com deficiência.

Nesse sentido, as ideias do Coletivo de Autores (1992) trazem a educação física como uma disciplina de sentido lúdico que busca instigar a criatividade, tanto no lazer quanto em

outros momentos, que desenvolve no aluno uma reflexão sobre valores como solidariedade, substituindo o individualismo, cooperação confrontando a disputa e sempre focando na liberdade de expressão. Portanto, diante das diversidades expressivas corporais da educação física, encontra-se nos conteúdos de esporte adaptado uma oportunidade para falar e conscientizar sobre a deficiência.

As aulas de educação física na escola ainda esbarram em questões históricas, questionadas por ser uma prática que por um longo período olhava apenas para o corpo como reprodutor de práticas por meio de métodos tecnicistas e seletivos, no qual quem não atingisse o desempenho esperado supostamente era excluído das aulas. Somente a partir da década de 90 o movimento de pensar na inclusão ganhou força com sentido de quebrar paradigmas e romper preconceitos, valorizando as singularidades dos indivíduos com o olhar de igualdade, afinal ninguém é igual a ninguém, cada pessoa é única.

Abrir as portas do ambiente educacional para a diversidade humana foi um dos marcos da Declaração de Salamanca (1994), dando a criança direito fundamental à educação, oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, mobilizando à escola para um espaço conhecimento para todos. É importante compreender que a educação inclusiva caracteriza-se como um processo contínuo de transformação de valores em ação e oferece, também, acesso para pessoas de todas as habilidades (SASSAKI, 2002; UNESCO, 2009; 2015). Apesar da necessidade de avanços nesse processo, alguns passos já têm sendo dados em direção a uma sociedade igualitária.

A legislação educacional brasileira (LDBEN 9394/96) e a lei que entrou em vigor mais recentemente, Lei Brasileira da Inclusão (LEI 13.146/2015), buscam garantir que a inclusão escolar permita que as crianças com deficiência possam se socializar, desenvolver suas capacidades pessoais para exercerem atos da vida civil em condições de igualdade com as demais pessoas. Apesar de garantias legais, é notável em nosso dia a dia a falta de um acolhimento necessário para um bom convívio e igualdade participação social de quem possui deficiência.

Por meio desse acolhimento necessário, a possibilidade de contato com outros conhecimentos e utilizando-se disso no cotidiano, pode influenciar novas reflexões e novos caminhos a uma educação inclusiva (PELIZZARI, 2002). Mas Lancillotti (2003) diz que se não houver ações voltadas à transformação social, apenas o contato com a pessoa com deficiência pode se tornar um fator que contribui para a exclusão.

Estudar o esporte e compreender seus valores para a sociedade é um dos objetivos da educação física, além disso, visualizar a democratização do esporte como formação cultural auxilia na compreensão sobre direitos e igualdade de participação independente das diferenças. Liu, Kudláček e Ješina (2010) falam que educação por base no esporte adaptado sugere a escola como um ambiente ideal para estabelecer bases para um mundo melhor, pois as crianças não convivem com muitos preconceitos e as conotações negativas vêm da relação com a sociedade adulta. Além disso, consideram esse conteúdo, esporte adaptado, como um conjunto de atividades e possibilidades que educa sobre o esporte e questões de deficiências em um ambiente divertido e lúdico.

O esporte adaptado ajuda a promover atividades inclusivas tanto dentro dos currículos escolares de educação física quanto fora das escolas, oferecendo uma gama de ferramentas para atingir efetivamente esse objetivo. Ao ter contato com o esporte adaptado o aluno sem deficiência consegue se colocar no lugar do outro colega e assim entender com a prática as dificuldades encontradas. Valores como respeito, colaboração e amizade também são destacáveis nesta situação e ao ser fonte desta experiência ele consegue transmitir este conhecimento para outras pessoas sem deficiência, fazendo com que as conotações negativas diminuam no convívio social (BELOUSOV, 2016).

Dessa maneira, alerta-se para discussão que o esporte adaptado, que se trata aqui do conceito de esporte especificamente voltado para as pessoas com deficiência, deveria ser incluído no currículo independente de existir pessoas com deficiência nas turmas (LORENZI, 2009; BELOUSOV, 2016).

Ao relacionar esporte adaptado com o Coletivo de Autores (2012) compreende-se que ele busca transmitir um sentido, um valor necessário, através de momentos de reflexões/provocações que faça das diferenças uma possibilidade. Assim oportunizando novas experiências, a partir do momento que você muda o modo de nomear alguém, de falar sobre alguém, você também muda o comportamento em relação àquela pessoa, ou seja, por meio da prática e do conhecimento do esporte adaptado é possível aumentar atitudes positivas sobre a deficiência. Segundo Carvalho (2011) atitudes estão em uma formação constante e passam por mudanças, logo elas são aprendidas gradualmente através da experiência, do conhecimento e do contato com o mundo que a rodeia.

A atitude dos alunos sobre a deficiência pode acarretar grandes mudanças ao longo da sua vida escolar e também para além dela, sendo sua formação influenciada de maneira positiva ou negativa durante o período escolar. Diante do exposto e da urgência da conscientização sobre deficiência no processo de inclusão, o esporte adaptado pode ser utilizado como ferramenta de educação sobre a deficiência?

1.1. OBJETIVOS

Analisar o esporte adaptado como ferramenta educacional na conscientização sobre a deficiência em alunos do quinto ano do ensino fundamental.

1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar o conhecimento sobre conceito de deficiência;

Verificar as percepções sobre as deficiências;

Verificar as percepções e os conhecimentos sobre o esporte adaptado.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Construindo reflexões e rompendo um antigo padrão de ensino, o adjetivo inclusivo vem se tornando cada vez mais comum, muitas vezes se fala em atender a todos sem qualquer exceção e sem distinções, usufruindo dos mesmos direitos e oportunidades (FREIRE, 2011; BEYER, 2013).

Com uma boa estratégia escolar em que todos os alunos aprendam juntos independente das dificuldades e das diferenças o processo de inclusão dentro das escolas busca desenvolvimento de cada aluno em si, promovendo a valorização da pessoa com deficiência. Com isso, Cidade e Freitas (1997) trazem a educação inclusiva como a compreensão da diversidade, em que aprendendo a conviver todos se incluem no mesmo mundo.

Adaptar as mudanças é um processo complicado, Leitão (2010) diz que é necessário reconstruir formas de pensar e aprender a respeitar as diferenças. Para Ferreira (2009) discutir esse assunto e buscar desenvolver esse processo é importantíssimo, incluir crianças com deficiência é mais do que cumprir a lei, é permitir que ela se insira na sociedade.

Seguindo as melhorias nas legislações mundiais, o apoio à inclusão social passou a ser um objetivo também no Brasil, ganhando forma com as leis que defendem os direitos da educação para todos e a inclusão. Leis como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica, a Declaração Mundial de Educação para Todos, buscam assegurar e promover condições de igualdade, visando à cidadania.

Nesse contexto a UNESCO (2009) diz que a educação inclusiva deve se tornar uma realidade e um direito, atendendo às necessidades básicas de aprendizagem e enriquecendo os valores sociais. Com isso a educação física possui um conjunto de práticas que proporcionam igualdade às pessoas com deficiências além de ser um campo para falar sobre direitos e diversidade.

Sendo assim, dentro do acervo diversificado das práticas corporais a educação física escolar visa apresentar aos seus alunos a cultura corporal do movimento, desenvolvendo

autonomia, cooperação, participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998).

O movimento apenas pelo movimento é uma metodologia antiga da educação física. O Coletivo de Autores (1992) diz que uma nova compreensão de realidade deve ser apresentada ao aluno, para que ele supere o senso comum, tendo uma nova visão de sociedade. A UNESCO (2001) diz que a educação inclusiva é vista de forma cada vez mais ampla, como uma reforma que apoia e acolhe a diversidade entre todos os estudantes.

É necessário saber que a inclusão não é apenas para pessoas com deficiência, mas para todos os excluídos, portanto, a educação física inclusiva tem o intuito de progresso ao processo de inclusão social, através da superação da discriminação e da desvantagem em relação a quaisquer grupos vulneráveis a pressões excludentes (UNESCO, 2009). Os alunos em geral precisam ser levados a momentos de experimentação, assim Ferreira (2009) diz que quando se fala em inclusão, deve dar o direito a todos de ter as mesmas experiências e aprender com elas.

Na educação física inclusiva todos estão ali para participar em conjunto e aprender, sempre respeitando as singularidades de cada um. Nesse contexto, Chicon (2008) diz que incluir na Educação Física não é simplesmente adaptar as aulas para todos participarem, seja improvisando ou convidando os alunos com deficiência a se integrar com o grupo, mas sim adotar uma metodologia que valorize a diversidade e auxilie no processo de inclusão.

Desta forma, o processo de inserção do adjetivo incluir é um processo de mudança, que busca acabar com a exclusão de alunos que possuem alguma dificuldade em realizar as atividades, seja ele, um aluno com deficiência, os ditos gordinhos, o dito ruim de bola, enfim, busca quebrar paradigmas e padrões preestabelecidos pela sociedade. É preciso redimensionar, romper com as barreiras e abrir espaço para uma nova educação, uma educação que acolha, que compreenda e assim, inclua. Por isso, apostamos que o esporte adaptado pode ser um conteúdo que eduque para atitudes positivas sobre o ser diferente.

2.2. ESPORTE ADAPTADO COMO CONTEÚDO CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao se observar as aulas de educação física escolar, percebemos que não são aproveitadas todas suas possibilidades e ferramentas disponíveis para a área, Ribeiro (2009) diz que os esportes são ensinados por métodos tradicionais e não atraem, nem motivam o

aluno a participar das aulas. Nesse âmbito, Costa e Silva (2013) aborda que o esporte é um fenômeno sociocultural com várias formas de manifestações para ensinar diversos conteúdos para os alunos, sendo o esporte adaptado uma destas possibilidades.

Nesse sentido, Connel (1997) e Vaughn (2012) relatam a necessidade do esporte adaptado no currículo de educação física, favorecendo uma igualdade no currículo, assim o esporte pode fornecer inúmeras ferramentas de oportunidades para aumentar a conscientização e a valorização dos alunos em relação às pessoas com deficiência. A inserção do esporte adaptado como conteúdo em aulas de educação física escolar possui características pedagógicas na conscientização sobre a deficiência, com isso, Rheenen, Grigorieff e Adams (2013) falam que no contexto de ensino escolar, o esporte adaptado aumenta as oportunidades e reduz as barreiras.

O envolvimento de estudantes com o esporte adaptado complementa a sua aprendizagem sobre as deficiências de uma forma crítica-social, não ficando apenas na perspectiva teórica. Sendo assim, os esportes adaptados devem ser incluídos no currículo geral de educação física, pois promovem a compreensão, a tolerância e a valorização (LORENZI, 2009; LIU; KUDLÁČEK; JEŠINA, 2010; RHEENEN; GRIGORIEFF; ADAMS, 2013).

Sendo assim, o esporte adaptado é um veículo poderoso para ensinar a tolerância aos jovens, tem uma ampla gama de ferramentas e atividades possíveis. (BELOSOUV, 2016). Dito como uma ampla ferramenta de conscientização, Lorenzi (2009) diz que entre os estudantes do seu estudo houve um aumento na compreensão e aceitação da pessoa com deficiência. Para Borgmann e Almeida (2015), é uma ferramenta de atividades educacionais relacionadas à conscientização e à inserção da pessoa com deficiência na sociedade.

A possibilidade de inclusão social através do esporte adaptado dá-se pela conscientização, ao igualar as barreiras do jogo e acabar com a segregação, todos ficam dentro do mesmo contexto do jogo. Diante desse cenário, o esporte adaptado foi desenvolvido para que pessoas com deficiência pudessem praticar, porém pessoas que não possuem deficiência também podem praticar. O termo adaptado, segundo Castro (2005) é apenas um ajuste em contextos e procedimentos para uma realização modificada do esporte, ao participar do mesmo esporte que a pessoa com deficiência, a pessoa sem deficiência se encontra nas

mesmas condições de dificuldades de realização da prática, compreendendo então o outro, saindo do seu senso comum e quebrando paradigmas existentes sobre a deficiência.

Essa modificação do esporte convencional para o adaptado gera momentos de reflexões para os alunos, Lorenzi (2009) diz que os alunos podem desenvolver uma apreciação de habilidades não necessariamente apropriado para o mais rápido ou o mais forte, como é tipicamente encontrado em um currículo tradicional de esporte em equipe. O autor aborda que em um jogo de basquete em cadeira de rodas por exemplo, os alunos percebem que nem sempre a altura é uma vantagem, ou seja, habilidades de mobilidade e tática se destacam como agentes contribuintes para o ambiente inclusivo do esporte adaptado, transmitindo uma mensagem sobre o que significa ser um atleta com deficiência.

Pensando desta forma, esporte adaptado como atividade física, pode ser desenvolvido com fins da educação sobre as deficiências, pois a convivência com outros grupos compostos por pessoas com deficiência ou não, contribuem para o comportamento afetivo social, valorização pessoal, bem como quebra de paradigmas (RIBEIRO, 2009). A implementação do esporte adaptado na educação física fornece um meio para explorar algumas das questões associadas ao que significa ser uma pessoa com deficiência e entendê-la.

Em um estudo Borgmann e Almeida (2015) relatam que o esporte adaptado na escola busca sua identidade e reconhecimento, mas que seu efeito positivo em questões gerais é notável em estudos anteriores apresentados por ele, e também afirma que existe outras formas de mudança nos aspectos referentes às pessoas com deficiência.

Assim, o Comitê Paraolímpico Internacional (2006) diz que ao trabalhar o esporte adaptado nas aulas de educação física, os alunos desenvolvem certas potencialidades como: criar entendimento e atitudes positivas em relação às pessoas com deficiência; para ajudar os jovens a entender o direito de desenvolvimento autônomo e participação igualitária; para aumentar a conscientização sobre as deficiências e valor educativo. Baseado nessas ideias, como conteúdo curricular de educação física, estudantes sem deficiência têm a oportunidade de obter uma melhor compreensão das deficiências e alunos com deficiência têm a oportunidade de participar de atividades esportivas que podem ser adequadas aos seus níveis de habilidade. Ou seja, saindo de um currículo baseado em esportes para um currículo mais diversificado, aprender sobre as deficiências através do esporte, certamente parece ser uma boa maneira de adicionar ainda mais diversidade a um currículo geral de educação física (LORENZI, 2009; GRENIER; KEARNS, 2012).

A escola precisa se diversificar e flexibilizar o processo de ensino-aprendizagem, atendendo às diferenças individuais de cada aluno, oportunizando ao aluno o descobrimento de suas potencialidades e não enfatizam as dificuldades. O Coletivo de autores (2012) diz que os conteúdos e as problematizações acarretam ao aluno momentos de curiosidade e motivação, ou seja, favorece uma reflexão crítica e uma maior valorização da pessoa com deficiência. Entretanto, a importância de abordar o esporte adaptado na escola se destaca por ser um componente facilitador para a conscientização da deficiência, provocando reflexões.

A inclusão do esporte adaptado nas escolas carece de estudos realizados nesse ambiente, podendo ser trabalhado distintas formas e utilizando diferentes modalidades esportivas para contribuir com a formação dos alunos em aspectos sociais, promovendo a conscientização através do esporte no meio escolar (BORGSMANN; ALMEIDA, 2015).

Havendo então necessidade de promover e inserir o esporte adaptado na sociedade, buscando diversas possibilidades de atividades e jogos adaptados, é considerado um meio apropriado para promover a inclusão (WADDINGTON, 2006; OCETE; PÉREZ-TEJERO; COTERÓN, 2014; MARQUES, 2016). O esporte adaptado é sobretudo um caminho para mudança de atitudes, sendo a escola é um amplo campo de aprendizagem, a educação física tem nesse campo um lugar privilegiado para ensinar modos de se comportar, expressar e enxergar o outro.

3. METODOLOGIA

3.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo possui um caráter de relato de experiência de caso situacional, com intuito de proporcionar maior familiaridade com o problema. Trata-se de um estudo que possamos desvendar, descrever, avaliar e interpretar particularidades de um acontecimento e seus efeitos mediante as práticas acadêmicas (GAYA; GAYA 2018). Uma vez que o instrumento de avaliação nunca foi aplicado anteriormente ao público alvo é bastante flexível para analisar os conhecimentos prévios e explorar as possibilidades existentes durante as intervenções.

As pesquisas do tipo intervenção pedagógica são aplicadas, ou seja, têm como finalidade contribuir para a solução de problemas práticos (GIL, 2010). Considerando as intervenções do estágio curricular supervisionado cujos os resultados sejam capazes de produzir saberes relevantes para a área da educação escolar, a pesquisa de relato de experiência de caso situacional é uma forma de descrever efeitos através de propostas inovadoras de intervenções pedagógicas durante esta experiência (GAYA; GAYA 2018).

Nesse contexto, Gil (2010) diz que as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as pesquisas de âmbito social, e acabam servindo para proporcionar uma nova visão do problema familiarizando com o que está sendo investigado e obtendo maior compreensão, dessa forma, a pesquisa se remete a utilização de instrumentos de pesquisas de metodologia qualitativa. No relato de experiência as informações podem ser adquiridas através das observações e depende de muitos fatores, tais como o meio, os instrumentos e o sujeito em si.

De acordo com os autores, na pesquisa qualitativa o propósito não é contabilizar resultados, e sim compreender o que está sendo analisado (GIL, 2010; GAYA; GAYA, 2018). Sendo assim, o professor-pesquisador busca aprender através dos procedimentos utilizados para realização da sua intervenção e pesquisa.

Abordando significados, crenças, motivos, valores e atitudes, a pesquisa qualitativa corresponde a um espaço mais profundo das relações (MINAYO, 2001). Nesse contexto, com o aprofundamento do tema e proporcionando maior familiaridade ao aluno, ele descreve no questionário e no vídeo de forma livre o que entende e após as intervenções, o que entendeu sobre.

Em campo o estudo busca considerar todos os pontos de vista relevantes. Segundo Godoy (1995) os vários tipos de dados são coletados e analisados na pesquisa qualitativa.

Visto desta forma, procura-se compreender a utilização do esporte adaptado como ferramenta de conscientização sobre a deficiência e como conteúdo curricular de educação física.

3.2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

O estágio curricular na licenciatura é um requisito para formação dos acadêmicos, tal etapa da graduação é uma experiência docente de extrema importância para conhecimentos científicos, nesse contexto, Gaya e Gaya (2018) sugerem o relato de experiência de estudo de caso como um método alternativo de produção de conhecimento científico para propor novos caminhos pedagógicos.

Para realização do estudo foram utilizadas as intervenções da Disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar I do curso de Licenciatura em Educação Física. As intervenções foram feitas na Escola de Educação Básica Getúlio Vargas que possuía convênio com a Universidade Federal de Santa Catarina de 2008 a 2018 para realização das intervenções do estágio sob instruções dos professores Edgard Matiello Júnior e Francisco Emídio de Medeiros, com um número de 12 alunos matriculados da disciplina.

Essas intervenções aconteciam após um período de estudo em sala de aula e a fase de observação na própria escola, os alunos do curso propõem o tema das intervenções ao professor e apresentam um pré-projeto de estágio para a turma, coordenadores e os professores da escola, para então dar início ao período de intervenção.

A escola está localizada no bairro Saco dos Limões, em Florianópolis, mas o contexto social da escola é muito diversificado por possuir alunos da redondeza e de bairros vizinhos. Assim intervir em uma escola como essa é uma enriquecedora experiência, por intermédio do contato com as múltiplas realidades e as diferentes vivências na escola.

Para que esta intervenção pedagógica pudesse ser efetivada como forma de pesquisa científica de Trabalho de Conclusão de Curso, obtivemos o consentimento da escola e da professora em autorização formal (APÊNDICE B). A intervenção é uma interferência sobre o processo de aprendizagem, introduzindo novos elementos, vivenciando novas práticas e quebrando padrões anteriores de relações sociais. Segundo Damiani (2013), são investigações que envolvem a implementação de inovações destinadas a produzir avanços no processo de ensino aprendizagem e posteriormente avaliar os efeitos dessas interferências.

Essas intervenções do Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar na Educação são voltadas para a atividade de docência, realizando um projeto de ensino em uma das turmas da escola.

3.3. PARTICIPANTES DO ESTUDO

Para selecionar os participantes, a disciplina tem um período de observação participante onde o observador realiza anotações, participa junto ao professor e na nossa situação escolhe a turma que vai realizar seu estágio.

As intervenções aconteceram no primeiro semestre de 2018, nas terças-feiras e sextas-feiras no período vespertino com duração de onze intervenções, sendo elas duas aulas faixas (consecutivas) de 45 minutos. O estudo foi realizado com alunos do quinto ano do ensino fundamental, sendo a turma composta por 22 alunos, 12 meninas e 10 meninos com idade média de 10 anos. É importante ressaltar que esses não possuíam deficiência e conforme informado pela professora regente, nunca tiveram aula sobre o assunto.

3.4. MÉTODO DE DESENVOLVIMENTO DAS AULAS – INTERVENÇÃO

O período de intervenção com os alunos foi dividido em onze aulas faixas de quarenta e cinco minutos, buscando sempre despertar a curiosidade dos alunos, não sendo apenas um mero transmissor de conhecimento, e sim mostrar a importância do tema para os alunos, seduzindo-os a construir um conhecimento sobre as deficiências (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Durante as aulas foram trabalhados alguns dos sentidos corporais vinculados aos esportes adaptados com o âmbito de obter um bom processo de aprendizagem e uma relação dialógica entre professor e aluno, tendo a sala de aula como um espaço de troca de conhecimentos. Nesse contexto, o ponto de partida foi aproximar os alunos e despertar o interesse sobre o tema, tornando viável a participação efetiva de todos os alunos, já que o esporte adaptado como conteúdo curricular foi uma novidade para aquelas crianças, ou seja, atividades criativas motivavam os alunos a participar, mas a falta de recursos materiais é um problema a ser enfrentado pelos professores para conseguir obter o resultado esperado.

Na realidade social brasileira há uma quantidade grande de escolas, principalmente públicas, que não apresentam espaço físico adequado ou quantidade suficiente de materiais

(SEBASTIÃO, 2009). Para solucionar esse problema, foram criados materiais alternativos junto com os alunos, adaptando certos espaços para execução das aulas sem perder a qualidade da intervenção e exigindo da criatividade dos alunos.



Figura 1: Vôlei sentado.

Desconstruindo padrões de aulas de educação física, dando espaço para as deficiências em nossa sociedade por meio da tematização de diferentes práticas corporais e reflexões sobre o esporte adaptado, as aulas eram construídas para os alunos compreender que nenhuma deficiência deve limitar ninguém de praticar qualquer tipo de atividade.

Durante o processo foram realizadas atividades em torno da escola. A sala de aula e mesas do refeitório se tornaram o espaço para execução de desenhos. Cadeiras de rodas e vendas foram emprestadas pela universidade. O pátio externo e bancos se tornaram quadra e rede de vôlei sentado (Figura 1). Bambolês se tornaram cestas de basquete, cordas, cones e pedras grandes eram utilizadas como obstáculos para percursos de velocidade (Figura 2). Carteiras escolares se tornaram cadeiras de rodas e outras modificações aconteceram ao longo do estudo para que o sujeito pudesse compreender e ter em sua memória aulas diferentes e agradáveis, para que assim aquilo ficasse marcado de forma diferenciada.



Figura 2: Vivências com a cadeira de rodas - basquete e handebol em cadeira de rodas.

As aulas seguiram um cronograma que apresentavam aos alunos as deficiências e os esportes adaptados para que eles vivenciassem ao decorrer das intervenções momentos na deficiência visual, deficiência auditiva, deficiência motora e uma série de diálogos sobre toda a perspectiva que engloba as deficiências.

Quadro 1- Planejamento das aulas.

DIA	TEMA	MATERIAS
15 DE MAIO	APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO; O QUE É DEFICIÊNCIA?	QUESTIONÁRIO; SALA DE VÍDEO.
18 DE MAIO	OS ESPORTES ADAPTADOS E PARALIMPIADAS; CAMINHADA ORIENTADA E MOMENTO DE PERCEPÇÕES.	SALA DE VÍDEO; SALA DE AULA; VENDA; FRUTAS; BRINQUEDOS E MATERIAIS DIVERSOS; ÁGUA; SUCO.
22 DE MAIO	A DEFICIÊNCIA VISUAL E O CÃO GUIA (PALESTRA COM UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL); FUTEBOL DE CINCO.	SALA DE AULA; QUADRA DE ESPORTE; BOLA DE GUIZO.
25 DE MAIO	CAPOEIRA INCLUSIVA EM SILÊNCIO;	AUDITÓRIO; BERIMBAU; CÓPIAS

	LIBRAS; GRAVAÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA DE VÍDEO.	DA MÚSICA CAPOEIRA INCLUSIVA (FALA MANSO); CÓPIAS ALFABETO DE LÍBRAS; CAIXA DE SOM; CÂMERA DE VÍDEO.
29 DE MAIO	DESENHANDO E COLORINDO O ESPORTE ADAPTADO.	SALA DE AULA; FOLHA A4; LÁPIS DE COLORIR.
01 DE JUNHO	PROBLEMATIZAÇÃO SOBRE A MÍDIA DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL X PARALIMPÍADAS; FUTEBOL DE CINCO.	QUADRA DE EXTERNA; BOLA DE GUIZO; VENDAS.
05 DE JUNHO	DESENHAR PARA BRINCAR AS NOSSAS BRINCADEIRAS INCLUSIVAS.	SALA DE AULA; FOLHA A4; LÁPIS DE COLORIR.
08 DE JUNHO	BRINCANDO O QUE ESCOLHEMOS JUNTOS.	VENDAS; CORDAS; BOLA DE VÔLEI.
12 DE JUNHO	VÔLEI SENTADO.	PÁTIO DA ESCOLA; BANCOS DO REFEITÓRIO; BOLA DE VÔLEI.
15 DE JUNHO	HANDEBOL E BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS.	QUADRA EXTERNA; PÁTIO DA ESCOLA; BOLA DE HANDEBOL; CADEIRAS DE RODAS.
19 DE JUNHO	CONSTRUÇÃO DE UM CARTAZ PARA EXPOSIÇÃO NA ESCOLA; REALIZAÇÃO DO QUESTIONÁRIO; SEGUNDA ENTREVISTA DE VÍDEO.	ROLO DE PAPEL PARDO; LÁPIS DE COLORIR; QUESTIONÁRIO; CÂMERA DE VÍDEO.

Fonte: Do autor (2019)

Dentre todas as atividades realizadas, as estratégias de ensino utilizadas para a inserção do esporte adaptado na escola foram diretamente ligadas ao Coletivo de Autores (2012), buscando sempre realizar uma roda de conversa no fim de cada aula (Figura 3). Construindo um diálogo fundamental entre professor e alunos, fazendo com que os alunos após experimentar a condição pudessem refletir sobre a vivência. Com isso, Loovis (1997) reafirma que programas que incluem informações, jogos e discussões em grupo sobre deficiência podem contribuir para mudar atitudes de crianças sem deficiência, estabelecendo uma reflexão aprofundada sobre esse assunto, pois, baseado em suas vivências e experiências, constrói-se um modo de se relacionar com o outro (LOPES, 2008; COLETIVO DE AUTORES, 2012).



Figura 3: Rodas de conversa.

A problematização é um dos momentos mais ricos da aula, sendo assim, momentos de experimentação da condição de deficiência facilita uma compreensão mais ampla desde cedo com pessoas diferentes, podendo então dialogar com os alunos e criar momentos de problematização e reflexão sobre a temática trabalhada (WERNECK, 1997; LOPES 2008).

Sendo assim, compostas por um variado conjunto de práticas corporais voltadas aos esportes adaptados, as intervenções iniciaram no dia 15 de maio de 2018. Nesta aula foi feito o questionário pré-intervenção. Após esse primeiro momento, aconteceu uma aula na sala de vídeo com apresentação das deficiências e da música “A Capoeira Inclusiva” de Fala Manso, proporcionando aos alunos uma primeira visão das deficiências (ANEXO A).

No dia 18 de maio, novamente foi utilizada a sala de vídeo, desta vez foi apresentado os esportes adaptados em geral e construindo um debate sobre o que foi apresentado nas duas primeiras aulas. Em seguida foi feito a distribuição de vendas para os alunos que se dividiam

em duplas para realizar a caminhada orientada pela escola até a entrada da sala de aula, lá, todos colocaram as vendas e foi realizado um momento de percepção, sentados no chão da sala de aula, os alunos provaram frutas, sucos e manusearam diferentes objetos, com o objetivo de no fim da atividade lembrar a ordem do que conseguiram identificar.

Com o objetivo de aproximar os alunos e familiarizá-los com o tema do estudo, convidamos um palestrante com deficiência visual, atleta de diversos esportes adaptados, para conversar com os alunos sobre sua deficiência, dificuldades do dia a dia, a importância da tecnologia e a sua participação no esporte. O mesmo apresentou para os alunos modalidades como o goalball, o surf adaptado, atletismo, a corrida orientada e o futebol de cinco. Apresentou para os alunos as regras do futebol de cinco e fomos para a quadra externa realizar uma vivência da modalidade.

Partindo para outra deficiência, no dia 25 de maio apresentamos para os alunos a deficiência auditiva e realizamos uma aula toda em silêncio, apenas com Libras e gestos improvisados para comunicação. A aula aconteceu no auditório da escola, com um amplo espaço realizamos movimentos de capoeira e após apresentação prática da modalidade, realizamos uma roda de capoeira sem som e na metade da aula introduzimos o som na roda de capoeira, terminando o jogo com uma roda de conversa sobre o tema da aula e logo após essa aula realizamos a primeira entrevista de vídeo.

Antes da nossa intervenção observamos algumas aulas da professora regente. A mesma utilizava muito da metodologia de desenho, logo decidimos realizar na aula do dia 29 de maio atividades de desenho com a turma (Figura 4). De acordo com Godoy (1995), o pesquisador utiliza-se de diferentes momentos, por meio de variadas fontes de informação, podendo utilizar fotos, desenhos, colagens ou qualquer outro tipo de material que o auxilie no estudo, esses fornecem aspectos da questão investigada. Com isso, realizamos com a turma uma atividade de desenho livre sobre os esportes adaptados já apresentados para eles, demonstrando a sua percepção das situações sociais e do esporte adaptado.



Figura 4: Desenhos

Na aula do dia 01 de junho, estava próximo da copa do mundo de futebol, foi realizado uma roda de conversa, para que os alunos debatessem e problematizassem a diferença de mídia entre os esportes, da valorização. Após esse momento de problematização realizamos outra vivência do futebol de cinco com atividades lúdicas da modalidade (Figura 5).



Figura 5: Futebol de cinco.

Com o objetivo de realizar uma reflexão sobre o ato de brincar, realizamos uma conversa com a turma sobre a inclusão de uma pessoa com deficiência na brincadeira, assim, nessa aula do dia 05 de junho, os alunos tiveram a tarefa de desenhar brincadeiras adaptadas para que pessoas com deficiência pudessem brincar com eles. Essas brincadeiras foram apresentadas para a turma no final da aula e realizadas na aula seguinte do dia 08 de junho (Figuras 6 e 7).



Figura 6: Jogo da velha e libras.



Figura 7: Pega-Corrente e a inclusão.

Nas aulas de deficiência motora o vôlei sentado, o basquete em cadeira de rodas e handebol em cadeira de rodas foram os esportes escolhidos pela turma. O vôlei sentado foi realizado no pátio da escola, sentados no chão os alunos precisavam passar a bola por todos para conseguir realizar o ponto, com essa regra os alunos trabalhavam a cooperação e facilitavam o andamento do jogo assim os alunos se motivavam a ganhar dos professores que pontuavam quando eles não realizavam um bom trabalho em equipe. Como já destacado anteriormente, o espaço e os materiais são um fator prejudicial para as aulas de educação física, com isso, os alunos necessitaram utilizar da criatividade para criar uma quadra de vôlei adaptado. Como mostrado na figura 1, com dois bancos do refeitório foi formada a rede, os quatro alunos que jogavam pelos cantos da quadra além de serem os jogadores neutros (poderiam tocar na bola mais de uma vez), ainda eram as linhas.

Já o handebol de cadeira de rodas foi trabalhado nas quadras externas da escola, onde os alunos realizaram corrida de cadeira de rodas, condução de bola e os dois tipos de

arremessos em bambolês que se tornaram cestas e gols (Figura 8). Gerando uma problematização no final da aula, sobre o arremesso em pé, o arremesso sentado na cadeira de rodas e a adaptações de matérias e atividades.



Figura 8: Handebol em cadeira de rodas.

Dentre os diálogos presentes nesta aula, a turma questionava os problemas de barreiras arquitetônicas e atitudinais, mesmo esses sendo poucos presentes na escola do estudo. As barreiras são limitadoras de condição de acesso ao cidadão, é qualquer entrave ou obstáculo que limite o acesso a liberdade de movimento com segurança.

No dia 19 de junho foi realizada a última aula, a turma realizou em conjunto um cartaz do tamanho do corredor da escola (Figura 9 e 10), o mesmo levava o título de “O esporte adaptado e a inclusão”, com o objetivo de mostrar e explicar para os amigos que não estavam tendo essa intervenção o que são os esportes adaptados, as deficiências e o processo de inclusão.



Figura 9: Construindo o cartaz.



Figura 10: Construindo o cartaz 2.

Após o momento de colagem do cartaz, os alunos voltaram para sala de aula e realizaram o questionário pós-intervenção, os que já chegavam na questão do desenho eram chamados para realizar a entrevista de vídeo pós-intervenção. Os questionários foram respondidos individualmente, com todos os alunos juntos em sala de aula, para que assim, pudéssemos ler para eles cada questão antes do iniciar e tirar alguma dúvida de vocabulário, caso houvesse.

Ambos os métodos, foram utilizados para verificar se as experiências vivenciadas nas aulas e toda a parte teórica e prática trabalhada com a turma se enquadraria a um conjunto de evolução no processo de conscientização sobre a deficiência.

3.5. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para tornar a ideia de intervenção em um projeto fundamentado de experiência de caso situacional com uma pesquisa de intervenção com relação causal, na qual pudesse analisar o efeito do esporte adaptado como componente curricular nas aulas de educação física, foi utilizado para coleta de dados com objetivo de descrever e analisar as características encontradas: fotos, dois questionários (um pré-intervenção e um pós-intervenção) e duas entrevistas de vídeo, uma durante a intervenção e uma pós-intervenção.

No relato de experiências as informações podem ser adquiridas de variadas formas, segundo Gaya e Gaya (2018) pode ser através de entrevistas, questionários, conversa informais, análise de imagens e outros métodos que busquem informações de diversas realidades, construindo uma interpretação.

3.5.1 QUESTIONÁRIO E VÍDEOS

Para o estudo, foi aplicado com a turma um questionário e dois vídeos individuais para mensurar o desenvolvimento do processo. O questionário respondido pelas crianças foi baseado nas ideias do texto “O questionário na pesquisa científica” de Chagas (2000), que aborda ideias a respeito da construção de questionários, sugerindo cuidados para elaboração de questões. Entretanto, Parasuraman (1991) aborda que a tarefa de elaborar um questionário e aplica-lo não é fácil, necessita de um tempo para uma boa construção do conjunto de questões, essas devem atingir o objetivo de gerar os dados necessários para o estudo.

Utilizando-se desse conjunto de questões para obter os dados necessários para coleta, foi aplicado o questionário pré e pós-intervenção para medir o conhecimento adquirido pelos participantes durante um processo do estudo. Com isso, o questionário foi um conjunto de perguntas realizadas no primeiro dia, com o objetivo de mensurar o conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto abordado. E ao término das intervenções, foi aplicado novamente o mesmo questionário, com as mesmas perguntas do anterior, a fim de comparar com as primeiras respostas e verificar se houve consolidação dos assuntos apresentados nas aulas.

Foi optado também por uma resposta específica de cada aluno, Chagas (2000) afirma que nas questões abertas, os respondentes ficam livres para responderem com suas próprias palavras, sem se limitarem a escolha entre um rol de alternativas. Para Mattar (1994) as perguntas abertas têm suas vantagens, elas permitem avaliar melhor a atitude, a liberdade de falar sobre o tema, nela não existem influências de alternativas, assim, as crianças descrevem ao pesquisador seu conhecimento prévio.

O questionário (Apêndice A) era composto por nove questões, sendo elas:

- 1) O que é deficiência?
- 2) Quais são as deficiências que você conhece?
- 3) Você conhece alguém com deficiência?
- 4) Pessoas com deficiências podem brincar e jogar?
- 5) Você seria amigo de alguém com deficiência?

- 6) Você convidaria uma pessoa com deficiência para brincar com você?
- 7) Por que devo aprender sobre deficiência?
- 8) O que é esporte adaptado?
- 9) Desenhe o que é deficiência para você.

As questões possuíam muitas linhas para a resposta, assim os alunos podiam relatar tudo que conheciam sobre assunto. Ao fim das perguntas discursivas havia uma questão de desenho para que desta forma eles desenhassem o que sabiam sobre deficiência enquanto aguardavam os outros colegas terminarem de responder.

Já as gravações dos vídeos seguiram o mesmo padrão de perguntas dos questionários, porém foram realizadas individualmente no espaço externo da sala de aula. Essas entrevistas de vídeo foram gravadas no dia 25 de maio, após a quarta aula e no dia 19 de junho, com intuito de analisar o ponto de vista dos alunos durante e após as aulas. No vídeo os alunos falavam para o entrevistador-professor o que mais estavam gostando nas intervenções, o que poderia ser mais abordado, o que poderiam trazer de novo como tema da aula, discutiam sobre as questões, falavam sobre a importância de aprender sobre as deficiências e sobre compartilhar tudo que aprenderam nas aulas.

As gravações, evidentemente tornam os dados obtidos mais precisos (GODOY, 1995). Esta possuía um roteiro pré-definido com perguntas semelhantes as do questionário, porém a sequência da conversa foi sendo definida de acordo com as respostas, permitindo ao aluno dialogar sobre o tema com o professor-entrevistador. Utilizando desses dados para verificar se foi bem-sucedido ou não a compreensão do participante sobre o assunto abordado, foi possível verificar se o esporte adaptado como conteúdo curricular pode auxiliar na conscientização de jovens sobre a deficiência.

3.6. ANÁLISE DOS DADOS

Os instrumentos de coleta foram analisados recorrentes às teorias de Bardin (2006), que tem um caráter essencialmente qualitativo, podendo apoiar as interpretações dos fenômenos da comunicação. Sendo assim, o pesquisador deve se aprofundar nas características, podendo extrair o que é mais importante, sendo rigoroso e eficaz, com o

objetivo de analisar e compreender criticamente o sentido do conteúdo. Para isso existem diversas formas relevantes de analisar uma pesquisa, podendo ser por meio de fotos, vídeos, narrativas escritas e outros (BARDIN, 2006; CHIZZOTTI, 2006; FLICK, 2009; RICHARDSON, 2011).

Para uma melhor interpretação dos dados Bardin (2006), aborda as seguintes fases para a condução da análise: a) organização dos dados; b) codificações; c) categorização; d) tratamento dos dados e interpretação dos resultados.

Conforme Bardin (2010) a pré-análise é a fase da organização dos dados, é por meio dela que o pesquisador começa a organizar o material, criando familiaridade com ele. Ao providenciar a preparação do material, Bardin (2006) diz que deve ser transformado em uma padronização para ser extraído os dados para a próxima etapa da análise. Assim, os dados dos instrumentos de coleta do estudo foram transcritos dos questionários e dos vídeos para um documento. Em seguida foi formada uma tabela, organizando as respostas em respostas pré-intervenção e respostas pós-intervenção.

Já a segunda fase da análise, se encaixa na exploração do material, interpretando os dados encontrados e se aprofundamento no material coletado, nas hipóteses e nos referenciais teóricos do estudo para assim aproximar os semelhantes e separar os dados para a análise. Após explorar os dados, Bardin (2010) coloca que o analista deve fazer a definição das categorias, diferenciando e realizando o reagrupamento por analogia por meio de critérios definidos previamente no sentido de propiciar a realização da inferência. Possuindo os dados transcritos e organizados, foi montado um quadro com as categorias para as respostas, realizando uma análise reflexiva e crítica para analisar os vídeos e os questionários, Creswell (2007) e Flick (2009) afirmam que as técnicas de análise são técnicas de interpretação, necessitam de cuidado com a organização, expondo todos os detalhes da pesquisa. Em seguida foi reagrupado por paridade, designando o estudo para a fase do tratamento de dados e interpretação dos resultados que se deu a partir das evidências coletadas nas respostas categorizadas e elas foram confrontadas com referencial teórico que propiciou a base para análise de conteúdo.

4. RESULTADOS

As análises aqui apresentadas tratam de percepções escritas e faladas de 22 estudantes do quinto ano do ensino fundamental que participaram de onze aulas que abordaram o assunto esporte adaptado. Fazemos aqui um esforço para relacionar as falas com o processo de conscientização e conhecimento sobre deficiência e o esporte adaptado.

4.1. QUAL A VISÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A DEFICIÊNCIA?

O conceito de deficiência sofreu ao longo de sua historicidade mudanças em sua configuração, reformulando gradativamente seus paradigmas e conceitos. A Organização das Nações Unidas (ONU) diz que anteriormente a deficiência era conceituada como a repercussão imediata da doença sobre o corpo e tinha então sua abordagem voltada ao modelo médico que culpabiliza a não participação da pessoa devido às suas limitações. O modelo médico se coloca como um pilar que mantém a relação de causalidade e dependência entre os impedimentos corporais e as desvantagens sociais vivenciadas por uma pessoa com deficiência.

Atualmente, a deficiência é compreendida por meio de um modelo social que considera além das limitações das estruturas e função do corpo, a influência de barreiras atitudinais e ambientes. Dessa forma, o conceito de deficiência da LBI (2015) foi adotado a partir da Convenção das Nações Unidas pelos Direitos das Pessoas com Deficiência, em 2006, que trata da deficiência a partir do modelo social, considerando as pessoas com deficiência aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Para Sanches e Teodoro (2006) o antigo processo de integração deu início à visão social em defesa da percepção sobre as pessoas com deficiência, permitindo a eles usufruir de novos espaços e novos parceiros de convívio, de socialização e de aprendizagem. Nesse sentido, Fohrmann (2016) vincula o modelo social a esforços da sociedade em se adaptar à pessoa, eliminando as barreiras de acessibilidade e repensando situações; e o modelo médico

às situações que as deficiências sejam consideradas uma doença a ser curada ou incurada, sinônimo de segregação.

O modelo social em síntese aborda a inclusão da deficiência como uma questão da sociedade, transferindo a responsabilidade das limitações do indivíduo para o meio, divergindo do modelo médico que busca uma integração limitante a partir de suas limitações. Ao analisar seu itinerário histórico identifica-se a existência de fases em que havia o predomínio de determinado modelo de percepção sobre a pessoa com deficiência, isso é afirmado por Ainscow (2009) ao dizer que ao longo do tempo foram estabelecidas distintas perspectivas que sobre as pessoas com deficiência. Dessa maneira, a fim de atender aos objetivos desse estudo, antes de realizar a intervenção foi perguntado às crianças o que era deficiência para elas.

Ao observar o questionário 1, na primeira questão “o que é deficiência?”, os alunos em sua maioria associavam a deficiência ao modelo médico apresentado pela sociedade ou desconheciam o tema. A variedade de interpretações perpassa grande parte das discussões contemporâneas sobre deficiência, Rieser (1995) enfatiza que tal modelo diminui a pessoa com deficiência, sendo assim, destaca-se a resposta de dois alunos que afirmam que deficiência “é não conseguir fazer algo”, “é um problema”, através das perspectivas do autor, essa visão estabelece laços entre os estereótipos e à visão do modelo médico, ignorando as barreiras sociais.

Ainda sem uma clara compreensão do que é a deficiência, talvez por nunca ter contato com o tema e apenas ter informação voltadas ao senso comum, o caminho para a conscientização necessita de momentos de intervenção e reflexão, Allport (1935) e Liu (2010) afirmam que momentos de intervenção são essenciais para guiar o comportamento e promover uma relação entre a busca de melhores atitudes e a compreensão do outro. O documento do Secretariado Nacional de Reabilitação, da Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma à importância de esclarecer os conceitos de deficiência, a utilização da linguagem, as trocas de informações para que haja melhorias nas perspectivas da sociedade, do mesmo modo a análise dos dados mostra a importância da informação e da linguagem dentro da escola para diminuir os estereótipos.

Quando perguntado aos alunos se eles conhecem alguma pessoa com deficiência, no questionário pré-intervenção 13 alunos respondem que conhecem e 9 alunos respondem não conhecer. Um dos alunos que responde conhecer uma pessoa com deficiência, diz que “sim, o nosso amigo tem uma deficiência que é asma”.

E suas respostas sobre o conceito em si, três alunos escrevem “é uma doença”, e as diversas barreiras que obstruem o cidadão são deixadas de lado, dando espaço a respostas como “deficiência é pra mim uma pessoa alejada”, “alejado, surdo, mudo, cego, sem braço, sem perna”.

Já no questionário pós-intervenção, o número de crianças que conhecem alguma pessoa com deficiência aumenta para 18 e o que não conhece baixa para 4 crianças. Desta forma, acredito que a compreensão do conceito necessita de um espaço de novos conhecimentos para que possa lidar com o cidadão de forma igualitário, segundo Centeio (2009) ao dar espaço a novas experiências, novos conhecimentos e momentos de interação com o meio sociocultural inicia-se um canal de mudanças acarretado pela influência de novas experiências.

Desta forma, após a inserção do esporte adaptado como ferramenta de conscientização no sistema escolar, a mesma pergunta foi realizada ao fim das intervenções, sendo observada outra forma de definir o que é deficiência. Anteriormente havia três alunos que responderam não ter conhecimento sobre o tema, já no segundo questionário não houve esse tipo de resposta. Também tinha predominância em respostas voltadas ao modelo médico, que desta vez foi deixado de lado, dando espaço a respostas com nome de alguma deficiência ou âmbito social.

De acordo com Bampi, Guilherm e Alves (2010) por causa do modelo médico, a sociedade não reconhece as pessoas com deficiência, excluindo-as em geral do coletivo, desta forma uma das respostas do questionário pós-intervenção afirma que “a pessoa com deficiência é uma pessoa que precisa um pouco mais de atenção e carinho”. Também em resposta a primeira pergunta um dos alunos teve uma mudança notável de pensamento sobre o conceito de deficiência e a visão de modelo da deficiência, na primeira resposta ele diz que a pessoa com deficiência é “aquela que não consegue andar, aquele que não consegue escutar, olhar”, enxergando o indivíduo como incapaz por causa da sua deficiência. Já na sua segunda resposta ele diz que a pessoa com deficiência “é uma pessoa que tem um pouco de dificuldade. Observação: pode não ter dificuldades”.

Com isso se edifica uma contradição, anteriormente uma descriminalização por parte do modelo médico, perpetuando a figura de uma pessoa que não consegue realizar algo por

causa da sua deficiência. Já em sua outra resposta, diz que o indivíduo pode não encontrar dificuldades na sociedade, relacionando sua autonomia com a inclusão social, levando em consideração que o modelo social se adapta melhor às situações menos limitadoras (FRANÇA, 2013).

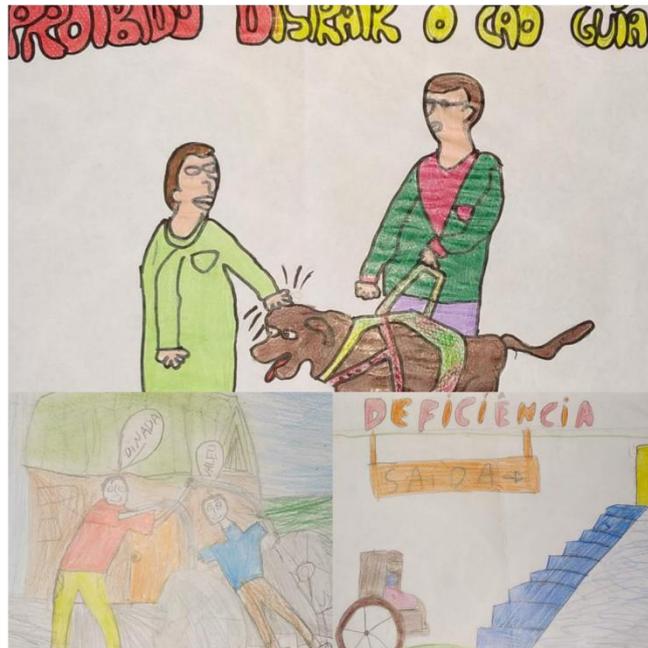


Figura 11: Remoção de barreiras

Ao remover estereótipos e quebrar os paradigmas, Bampi, Guilherm e Alves (2010) e Bublitz (2012) ressaltam que ao aderir o âmbito social, devolvemos o espaço na sociedade que pertence às pessoas com deficiência, não os julgando como incapazes e sim, a sociedade como incapaz de se adequar ao processo de inclusão e remoção de barreiras. Os desenhos da figura 11 mostram os alunos sensibilizando com o modelo social, onde nas imagens aparecem um aviso sobre não distrair o cão guia, uma pessoa usando uma cadeira de rodas e não conseguindo sair sozinha por causa de uma barreira arquitetônica e uma pessoa sem deficiência auxiliando uma pessoa com deficiência.

Pessoas com deficiência têm impedimentos por natureza física, intelectual ou sensorial, os quais os alunos quando perguntados se conheciam alguma deficiência relacionavam suas respostas a isso. Em comparação com as respostas da segunda questão, foi analisado que no primeiro momento cerca de 30% dos alunos não conheciam alguma deficiência ou ligavam a palavra deficiência a uma doença, após o estudo houve um avanço e apenas 4% ainda não conceituam as deficiências pelas suas características.

Já os alunos que respondiam conhecer alguma deficiência, no primeiro momento utilizavam-se de termos como aleijado e outros citados nas respostas. É compreensível respostas desta maneira, pois os alunos nunca tiveram contato com o tema abordado, sendo assim, no primeiro momento a forma encontrada por eles de responder essa questão foi apenas citar o que conheciam e não caracterizar as deficiências. Já no segundo momento, as respostas começaram a tomar forma, os alunos escreviam categorizando as deficiências como deficiências motoras, sensoriais e intelectuais, citando elas de maneira correta.

Quando pensamos na forma que os alunos utilizaram para categorizar as deficiências, não é apenas sobre modificar visões estereotipadas, mas é ver a conscientização sobre a deficiência como algo mutável, podendo ser remodelada de acordo com novas experiências, tomando como pressuposto que existem tipos de deficiências e assim entendendo às diferenças e construindo uma melhor visibilidade sobre o conceito de deficiência.

4.2. O BRINCAR/JOGAR E O ESPORTE ADAPTADO NA ESCOLA

Toda criança gosta e quer brincar a todo momento. O brincar proporciona a criança experimentar o mundo desenvolvendo diversas potencialidades, mas a questão é, será que uma criança sem deficiência brincaria com uma criança com deficiência?

Quando perguntado aos alunos no questionário 1, 78% dos alunos responderam que sim e 22% dos alunos responderam que talvez, mas o ponto a ser destacado nessa questão é que nenhum aluno afirmou que não brincaria com uma pessoa com deficiência. Isso indica que mesmo antes da intervenção, os alunos estão dispostos e abertos a se relacionarem com uma pessoa que tem deficiência.

Como afirma Amaral (1994), o desconhecimento é a matéria prima para a perpetuação das atitudes preconceituosas e das leituras estereotipadas da deficiência, portanto desconhecimento em torno da deficiência pode causar visões negativas, com isso percebemos que as crianças afirmam brincar com as pessoas com deficiência antes mesmo da intervenção, mas respostas como “mas tem umas que não porque pode não conseguir andar”, perpetua ainda um fator criticado pelo modelo social.

Após a intervenção, manteve-se o número superior de respostas sim, diminuindo o número de talvez para 13% dos alunos, anteriormente as respostas eram sim, mas os

complementos das respostas davam ênfase a deficiência, como por exemplo, “Sim, mas tem umas que não porque não consegue andar” e “Sim, porque elas são iguais a nós, mas só tem problema.”. Já posteriormente a forma de linguagem mudou e o âmbito social começou a fazer parte das respostas, “sim, o esporte adaptado, adaptando algumas regras e incluindo as pessoas”, “sim, todas as deficiências podem brincar, tipo corrida adaptada, não importa a deficiência todos podem brincar”, “sim, não importa se tem ou não deficiência o importante é brincar e se divertir.”.

Com a aproximação dos alunos com as deficiências, suas respostas refletem aquilo que o modelo social busca trazer para realidade das pessoas com e sem deficiência, compreendendo-a de maneira transversal, interagindo com os diferentes tipos de deficiência, levando em conta uma transformação social voltada a inclusão (GESSER; NUERNBERG; TONELI, 2012). Os autores também destacam que esse modelo caracterizado como crítico busca o rompimento de perspectivas errôneas, deste modo ao analisar as respostas pré e pós, elas se modificam por pensamentos arquitetônicos, questões de adaptações para as pessoas com deficiência, afirmando que a sociedade necessita se adaptar aos padrões inclusivos.

Sendo o esporte adaptado uma importante ferramenta para o processo de conscientização dos alunos sobre a deficiência, destaca-se a resposta de um aluno sobre a relação pessoa com deficiência e o brincar/jogar, ele afirma que “eles podem ter mais habilidades do que a gente”. Neste novo paradigma inclusivo Costa e Souza (2004) afirmam que nosso entendimento não pode mais ficar vinculado à educação física tradicional, sendo necessário questionar as práticas sociais existentes, não apenas se referindo aqueles que tem deficiência, mas sim a todas as pessoas excluídas pelos padrões da sociedade.

Se desvinculando do senso comum e abrindo espaço para a criticidade, o estudo permitiu que os alunos criticassem as barreiras impostas pela sociedade, quando as crianças começam a criticar as situações encontradas sobre o tema trabalhado. A possibilidade de aprender sobre o outro e entendê-lo melhor pode influenciar a novas reflexões e novas atitudes (PELIZZARI, 2002). Durante a entrevista de vídeo, o aluno diz que estava vindo para a escola e ajudou uma pessoa com deficiência a passar com a cadeira de roda em um lugar que não era possível se ele não estivesse ali para auxiliar.

Também em suas respostas pós-intervenção, quando perguntados se brincariam com as crianças eles respondem que “se eu não convidasse ele se sentiria excluído”, “porque se eu não convidasse, ele(a) ia ficar triste”. Com isso, Ferreira (2009) afirma que a inclusão de pessoas com deficiência nas escolas é o começo para outras mudanças, não somente de

pensamentos, mas também de atitudes, pois a escola é um canal de mudanças, portanto essas respostas são derivadas de momentos de experiências e suas reflexões sobre o tema.

Deste modo, quando tratamos do esporte adaptado e a participação de pessoas com deficiência, os alunos trazem respostas que abordam a inclusão de todos, como: “afinal deveríamos incluir todos, independente de como eles são!”, “porque não importa se tem ou não deficiência o importante é brincar e se divertir”, também destacando um exemplo dado por um dos alunos que diz “se eu e meus amigos fossemos brincar e a pessoa com deficiência estivesse sozinha, eu iria chamar ela para brincar com nós, eu estaria incluindo aquela pessoa”.

Refletindo sobre isso e analisando as respostas das crianças, é realmente necessário repensar sobre a articulação dos conhecimentos trabalhados nas aulas de educação física escolar, porém foi percebido que as crianças já possuem um apelo comportamental com a pessoa com deficiência e em suas respostas abordam questões voltadas ao futuro deles e dos próximos, a busca pelo saber mais em geral, uma busca pelo conhecimento e por melhores atitudes comportamentais.

Em relação aos conhecimentos e estudos da área de educação física adaptada, Cidade e Freitas (1997) dizem que os ensinamentos das universidades precisam se mover para as escolas públicas, pois lá são encontrados os maiores problemas, tanto profissionais como sociais. Costa e Souza (2004) sustentam a ideia dizendo que assim seria conhecido o velho (a educação física e o esporte adaptado), mas que para muitos ainda é o novo, pois nem chegaram a conhecer.

Quando perguntado para as crianças no questionário pós-intervenção o por que devem aprender sobre as deficiências, os alunos trazem em suas respostas um status igualitário, mas também com pensamento aberto ao modelo social, onde os alunos se preocupam com diversos fatores como melhor compreensão, dar auxílio, uma possível pessoa com deficiência no futuro em sua família ou escola, suas atitudes sobre as pessoas com deficiência e destacam principalmente a questão do respeito. O quadro a seguir apresenta algumas respostas dos alunos sobre o esporte adaptado, as pessoas com deficiências e a perspectiva aprendida no estudo.

Quadro 2 – Respostas destacadas dos alunos sobre a importância de aprender sobre o tema

Porque a gente pode entender os deficientes;
Por que é muito importante e divertido, devemos aprender a respeitar;
Para ajudar as pessoas com deficiências e ensinar os outros sobre elas;
Porque se alguém com deficiência entrar na escola ou alguém na sua família ficar com uma;
Fazer rampas, concertar os buracos e ensinar as pessoas a não discriminar as pessoas com deficiência;
Porque se a gente ficar com alguma deficiência um dia, a gente sabe como lidar;
Para ter mais respeito com as pessoas que tem deficiência;
Porque quando conhecer uma pessoa com deficiência eu vou saber como lidar com ela;
Acho legal ensinar, porque como eu sei eu posso contar pra eles e eles tratarem os deficientes melhor.

Fonte: Do autor (2019)

Destaca-se durante o estudo, diversas falas dos alunos e suas interpretações sobre o tema, portanto no momento da análise final, na pergunta “o que você gostou dessas aulas? ”, foi destacada uma resposta em especial: “ Uma matéria interessante, legal e interativa. Podemos aprender a ter respeito com as pessoas que têm dificuldade, bem mais legal do que ficar em casa no vídeo game. Que nem hoje, estava passando um cadeirante na frente da escola e tinha uma pedra que ele não conseguia passar, aí eu perguntei se ele queria ajuda e ajudei ele a tirar a pedra. Ele passou de boa e me agradeceu. ”

Sobre o modo de agir em relação ao que foi trabalhado e as atitudes que podem acontecer após uma reflexão sobre o comportamento anterior, o esporte adaptado se encaixa em como um meio facilitador do processo de mudança de atitude. Com isso, Rosemberg e Hovland (1960) afirma que os componentes cognitivos do aluno se relacionam com a parte afetiva e assim todo o conhecimento sobre o tema retrata em mudanças atitudinais.

Mas essas mudanças atitudinais por meio das intervenções do estudo podem ser compreendidas através da análise dos dados, sendo assim, tendo o esporte adaptado como ferramenta para novos aprendizados sobre as deficiências, foi perguntado para as crianças o que era esporte adaptado. As respostas do questionário pré-intervenção foram 18 “não sei”, 1 relacionando a alguma modalidade e 3 relacionadas ao conceito de esporte adaptado. Já no pós-intervenção houve uma mudança generosa nos resultados, os 18 “não sei” diminuíram para 1. O número de alunos que relacionaram o conceito a alguma modalidade subiu para 8 alunos e os que conceituaram o esporte adaptado foi de 13 alunos.

Através do conhecimento do esporte adaptado para a conscientização e melhor compreensão dos conceitos de esporte para pessoas com deficiências, facilitando a mudança de perspectiva da sociedade, Pelizzari (2002) diz que é a possibilidade de contato com outros

conhecimentos, construindo de novas reflexões, sendo uma importante forma de aprendizado, um esporte onde “todos ganham” como respondido por um dos alunos.

Se utilizada de forma adequada, o esporte adaptado e as aulas voltadas ao processo de inclusão social podem ser ferramentas positivas para mudança de atitudes e conscientização social em relação aos indivíduos com deficiências (GRENIER; COLLINS; WRIGHT; KEARNS, 2014). Um dos alunos traz o esporte adaptado como “importante para deficientes”, para Liu, Kudláček e Ješina (2010), as crianças não carregam preconceitos e atitudes negativas, isso é reflexo de convívios, logo o esporte adaptado na escola estabelece relações de respeito, reduzindo preconceito e buscando igualdade de condições, provocando convívios positivos sobre a deficiência. Para Centeio (2009) esse processo de mudança de atitudes sofre influências das experiências, ou seja, a inserção do tema esporte adaptado no currículo escolar de educação física pode ser visto como um meio facilitador do processo de inclusão.

A prática de esportes adaptado beneficia grandiosamente as pessoas e até mesmo a sociedade, um dos alunos entrevistados diz que “esporte é o respeito pelo outro”, pensando desta forma, com fins na educação sobre as deficiências, o ambiente esportivo favorece o processo de mudança de atitude de escolares. Deste modo, o envolvimento com as práticas do esporte adaptado auxilia na perspectiva crítica-social (RHEENEN; GRIGORIEFF; ADAMS, 2013). Por exemplo, fazer comparações entre voleibol sentado e voleibol tradicional levanta questões que podem desafiar os mitos associados ao poder, destacando as habilidades performativas e táticas necessárias para o sucesso (HEHIR, 2007). Portanto, a premissa por trás do esporte adaptado como currículo de educação física se faz por levar o conhecimento das deficiências para o espaço da escola, com objetivo de conscientizar a sociedade para a igualdade de oportunidades a todos, ampliando a construção de uma sociedade inclusiva e solidária.

Assim é importante compreender que a conscientização sobre as deficiências se caracteriza como um processo contínuo de transformação de valores em ação (SASSAKI, 2002; UNESCO, 2009; 2015). Sendo assim, é estimulada uma reflexão sobre integrar ideais e valores do esporte adaptado em um currículo de educação física criando consciência e compreensão sobre as pessoas com deficiência.

4.3 P.S: UMA SURPRESA!

O ambiente escolar é rico de momentos de aprendizagem e processos de formação do indivíduo, um evento como a feira de ciências de uma escola potencializa e abre um leque de novos aprendizados. Uma feira de ciências em síntese é uma atividade realizada por estudantes com o objetivo de demonstrar em seus trabalhos o seu conhecimento, oportunizando desenvolvimento cultural e transmissão de conhecimentos através de suas explicações, respostas de perguntas, habilidade de apresentação e originalidade (CECIRS, 1970; SECAB/UNESCO,1985).

A feiras de ciências oportuniza uma relação entre a escola e a comunidade, nela os alunos demonstram através dos seus projetos a sua criatividade, sua capacidade de pesquisa e seus conhecimentos científicos, dessa forma, as feiras de ciências proporcionam que os alunos se tornem protagonistas no seu processo de ensino-aprendizagem, Mancuso (2000) diz que ao participar da feira, o aluno desenvolve algumas classes de competências e habilidades, crescimento pessoal e ampliação de conhecimentos, habilidade de comunicação, mudanças de hábitos e atitudes, criatividade e envolvimento.

Com isso veio a surpresa! Seis meses após o fim do estudo estava acontecendo uma feira de ciências na EEB Getúlio Vargas e os alunos do 5ª ano participaram com o tema “Esportes Adaptados e Paralímpicos” e foram premiados com o terceiro lugar geral da escola (Figura 12).

Sem haver mais nenhuma ligação com a turma e estando totalmente afastado da escola, ao ser informado que a turma estava participando de uma feira com o tema trabalhado no estudo, isso foi recebido como algo surpreendente e fortaleceu a afirmativa da importância deste conteúdo. Para Lima (2011) a escolha por um tema de feira de ciência precisa ser algo que os alunos se identificaram, sentiram-se confortáveis para dialogar sobre e se aprofundar no assunto. O MEC (2006) diz que desenvolvendo projetos por conta própria, suas opiniões pessoas aparecem, desencadeando debates, despertando interesse por uma investigação mais afundo.



Figura 12: Terceiro lugar na feira de ciências.

Com cartazes, maquetes e apresentações os alunos apresentaram na feira de ciências o que aprenderam no processo de intervenção, antes do estudo 77% dos alunos (17 alunos) responderam que não sabiam o que era o assunto e ao fim do processo esse número se modificou para 96% dos alunos (20 alunos) caracterizando as modalidades ou conceituando o tema e seis meses após o primeiro contato com o tema tiveram seu trabalho premiado. Para Borba (1996) após a feira de ciências o aluno retorna para as aulas com maior capacidade de decisão em relação aos problemas do cotidiano, pois ele desenvolve sua ação coletiva, permite trocas de experiências, desenvolve sua comunicação (Figura 13).



Figura 13: Feira de ciências.

Dessa forma, a Feira de Ciências caracterizou-se como uma experiência científica, utilizada para desenvolver habilidades dos alunos, bem como aprofundar seu conhecimento sobre o assunto do estudo e possibilitar que o aluno criasse seu trabalho, expondo suas ideias e promovendo a participação no processo de construção do conhecimento e auxiliando no processo de conscientização sobre as deficiências (Figuras 14).



Figura 14: Trabalhos da turma na feira de ciências.

Assumindo um papel de transmitir seus conhecimentos sobre o tema para a escola com o propósito de inclusão social, mostra que a turma realizou uma reflexão sobre o tema e principalmente sobre a forma de agir sobre as diferenças.

Saber que a turma escolheu esse conteúdo para expor para a comunidade nos provocou um sentimento de gratificação e emoção que transpassou os conteúdos compartilhados durante as aulas. Ouvi-los iniciar a fala da exposição afirmando que: “escolhemos esse tema para explicar que as pessoas com deficiência podem praticar esporte e fazer o que quiserem” trouxe a certeza de que a intervenção deixou algo de significativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise da importância do esporte adaptado como ferramenta educacional. Além disso, também permitiu uma pesquisa durante o estágio curricular na licenciatura, que é uma experiência docente de extrema importância para conhecimentos científicos.

O questionário com perguntas abertas conseguiu mostrar a situação dos alunos em relação aos seus conhecimentos sobre a deficiência e os preconceitos existentes. Para mais, também foi evidenciado que os usuários em questão não tinham muito conhecimento sobre o tema.

Sobre o conceito de deficiência, os alunos partiram de uma percepção baseada na tradição do modelo médico e o senso comum, para uma crítica social voltado ao modelo social sobre a deficiência, no qual, os alunos ampliaram seus conhecimentos e compreensão sobre as deficiências. Dessa forma foi notada uma mudança de conscientização sobre o tema, o interesse de se aprofundar e compartilhar o conteúdo novo que estava sendo trabalhado.

Observou-se que os estudantes já se encontravam abertos e dispostos a se relacionar, brincando ou jogando, com uma pessoa com deficiência. No entanto, após o contato com o esporte adaptado puderam construir um olhar mais específico em relação ao atendimento de necessidades específicas que facilitam sua participação, como adaptações de espaço e regras.

Foi percebido que os alunos se sentiram atraídos pela temática apresentada no estudo e facilmente se encaixavam nas atividades, buscavam compreender a deficiência apresentada naquele momento e logo em seguida participar do espaço de diálogo.

Por fim, o conhecimento sobre o esporte para as pessoas com deficiência foi refletido na exposição do assunto na feira de ciências da escola. Além de ser uma escolha da turma, nesse momento puderam estudar, criar, construir e compartilhar as informações obtidas sobre as modalidades para pessoas com deficiência.

Dada à importância do assunto, torna-se necessário o desenvolvimento do esporte adaptado como conteúdo curricular de educação física, utilizando-se desta ferramenta para realizar trabalhos de forma eficiente para diminuir estereótipos e quebrar paradigmas sobre a deficiência. Os resultados nos permitiram afirmar a necessidade de desenvolver uma análise crítica enfrentando as barreiras encontradas, visto o esporte adaptado como ferramenta que

apoia a implementação de estratégias para moldar de forma positiva as percepções dos alunos sobre as deficiências.

6. REFERÊNCIAS

AINSCOW, M. Speech. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON EDUCATION, 48TH session, Geneva, Switzerland, 25-28 November 2008. Inclusive education: the way of the future: final report Paris: UNESCO, 2009.

ALLPORT, G.W. Attitudes. In C. Murchison (Ed.), A handbook of social psychology. Worcester, MA: Clark University Press. p.793-844, 1935.

AMARAL, Lígia Assunção. Pensar a diferença/deficiência. Brasília: CORDE, 1994.

BAMPI, Luciana Neves da Silva; GUILHEM, Dirce; ALVES, Elioenai Dornelles. Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência. Rev. Latino-am. Enfermagem, 2010.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BELOUSOV, Lev. Paralympic sport as a vehicle for teaching tolerance to young people. Moscow, Russia. Annual International Scientific Conference Early Childhood Care and Education. p. 46 – 52, 2016.

BEYER, Hugo Otto. Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

BORBA, E. A importância do trabalho com feiras e clubes de ciências: Repensando o ensino de ciências. Caderno de ação cultural educativa - volume 03. Coleção desenvolvimento curricular. Diretoria de desenvolvimento curricular. Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. 3, p. 57, 1996.

BORGMANN, Tiago; ALMEIDA, José J. G. PARALYMPIC SPORT AT SCHOOL: A LITERATURE REVIEW. Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 49-64, 2015.

BRASIL, LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, 2015.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

BRASIL. Secretaria de educação básica. Ministério da educação e cultura. Programa nacional de apoio às feiras de ciências da educação básica: FENACEB. Brasília: MEC/SEB, 2006

BUBLITZ, Michelle Dias. Conceito de pessoa com deficiência: Revista da AJURIS. Porto Alegre, v. 39, n.127, p. 353-369, set. 2012.

CARVALHO, M.S.FAs. Atitudes dos professores face à inclusão de alunos com deficiência – O contato com a deficiência. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2011.

CASTRO, Eliane Mauerberg-de. Atividade Física Adaptada. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2005.

CECIRS (Centro de Treinamento para Professores de Ciências do Rio Grande do Sul). Boletim. Porto Alegre, n.5, p.1-20, 1970.

CENTEIO, D.M.J.F. Educação Física inclusiva: atitudes dos alunos face à Educação Física Inclusiva - Estudo Exploratório do 2º e 3º CEB. Universidade de Coimbra, 2009.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica. *Revista. Administração On Line – Fecap, São Paulo*, v. 1, n. 1, p. 1-13, jan./mar. 2000.

CHICON, José Francisco. Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar. *Movimento: Revista de educação física da UFRGS*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p.13-38, jan/abril de 2008.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais (8a ed.). São Paulo: Cortez, 2006.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. Noções sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de deficiência. Uberlândia, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo, Cortez, 2012.

CONNELL, R. W. Escuelas y justicia social. Madrid: Morata, 1997.

COSTA E SILVA, Anselmo de Athayde. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 2013.

COSTA, Alberto Martins da; SOUZA, Sônia Bertoni. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto (2a ed., L. de O. Rocha, Trad.). Porto Alegre: Artmed. 2007.

DAMIANI, Magda Floriana; ROCHEFORT, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael Fonseca de; DARIZ, Marion Rodrigues; PINHEIRO, Silvia Siqueira. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, n. 45, p. 57 - 67, jul. /ago. 2013.

FERREIRA, Michele Marcelina. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Inclusão de crianças com Síndrome de Down no ciclo I do ensino fundamental. São Paulo, 2009.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa (3a ed., J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed, 2009

FOHRMANN, Ana Paula Barbosa. Os modelos médico e social de deficiência a partir dos significados de segregação e inclusão nos discursos de Michel Foucault e de Martha Nussbaum. Rei - Revista Estudos Institucionais, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 736-755, fev. 2017. ISSN 2447-5467. Disponível em: <<https://www.estudosinstitucionais.com/REI/article/view/76>>. Acesso em: 18 jun. 2019. doi:<https://doi.org/10.21783/rei.v2i2.76>.

FRANÇA, Tiago Henrique. Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social. Universidade de Coimbra, Portugal, 2013.

FREIRE, Patrícia de Oliveira. A inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais em processo de alfabetização: o lúdico como recurso para a aprendizagem. 2011. 11f., il. Monografia (licenciatura em Pedagogia) -Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

FREIRE, PAULO. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAYA, Adroaldo Cezar Araújo; GAYA, Anelise Reis. Relato de Experiência: roteiros para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos de licenciatura. Curitiba: Editora CRV, 2018.

GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. A CONTRIBUIÇÃO DO MODELO SOCIAL DA DEFICIÊNCIA À PSICOLOGIA SOCIAL. Psicologia & Sociedade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 3, n. 24, p.557-566, 2012.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos. RAE-Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-29, mai. 1995.

GRENIER, M., COLLINS, K., WRIGHT, S., & KEARNS, C. Perceptions of a disability sport unit in general physical education. *Adapted Physical Activity Quarterly*, p.49-66, 2014.

GRENIER, Michelle; KEARNS, Catherine. The Benefits of Implementing Disability Sports in Physical Education, *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, 83:4, p.23-27, 2012.

HEHIR, T. Confronting ableism. *Educational Leadership*, 64(5), p.9-14, 2007.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. Paralympic School Day: Manual. Bonn, 2006. p. 46

LANCILLOTTI, S. S. P. Deficiência e trabalho: redimensionando o singular no contexto universal. Campinas: Autores Associados, 2003.

LEITÃO, Jaime. A luta contra o preconceito, 2010.

LIMA, Maria Edite Costa. Feiras de ciências: o prazer de produzir e comunicar. Edufscar. Cap. 4. p. 195-205, 2011.

LIU, Yang; KUDLÁČEK, Martin; JEŠINA, Ondřej. The influence of Paralympic School Day on children's attitudes towards people with disabilities. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis, Gymnica, Olomouc*, v. 40, n. 2, p. 63-69, 2010.

LOOVIS, E. Michael; LOOVIS, Cynthia Loeb. A disability awareness unit in physical education and attitudes of elementary school disabilities. *Perceptual and Motor Skills*, Missoula, v.84, p. 3, p.768770, 1997.

LORENZI, David G. Should disability sports be included in the general physical education curriculum?, *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, 80:5, p.13-14, 2009.

LOPES, Rita de Cássia Soares. A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem. Universidade Estadual de Ponta Grossa - Programa de Desenvolvimento Educacional PDE, Ponta Grossa, 2008.

MANCUSO, R. Feiras de ciências: produção estudantil, avaliação, consequências. Contexto educativo. *Revista digital de educación y nuevas tecnologías*, n. 6, 2000.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. *Revista USP*, São Paulo, v. 108, n. 1, p.87-96, jan, 2016.

MATTAR, F. N. Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise, 2a. ed. São Paulo: Atlas, 2v., v.2. 1994.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2001

OCETE, C., PÉREZ-TEJERO, J. y COTERÓN, J. Propuesta de un programa de intervención educativa para facilitar la inclusión de alumnos con discapacidad en educación física. Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación, 27, p.140-145, 2014.

PARASURAMAN, A. Marketing research. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

PELIZZARI, Adriana; KriegL, Maria de Lurdes; Baron, Márcia Pirih; Finck, Nelcy Teresinha Lubi ; Dorocinski, Solange Inês. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. In: Revista PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, 2002. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>, acessado em : 06 de novembro de 2018.

RHEENEN, D. Van; GRIGORIEFF, Matt; ADAMS, Jessica N.. Envisioning Innovation at the Intersection of Sport and Disability: A Blueprint for American Higher Education. Journal of Higher Education, Athletics, and Innovation. University of California, Berkeley, 2013

RIBEIRO, Sônia Maria. O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiências nas aulas de educação física. Curso de Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba Faculdade de Ciências Humanas, Piracicaba, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry; Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 2011.

RIESER, R. The social modal of disability. Invisible children. Joint Conference on Children. Images and Disability, London, p. 55-56, 1995.

ROSENBERG, M.J., HOVLAND, C.I. Attitude organization and change: An analysis of consistency among attitude components. New Haven. CT: Yale University Press, 1960.

SANCHES, Isabel; TEODORO, António. Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. Revista Lusófona de Educação, v. 8, Julho, 2009.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. 4 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

SEBASTIÃO, Luciane Lima. A utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de educação física: um estudo de caso. *Revista Pensar a Prática*. v. 12, n. 3, 2009.

UNESCO. *Declaração de Salamanca*. Salamanca, Espanha: UNESCO, 1994

UNESCO. *Declaration of Principles on Tolerance*, Paris: UNESCO, 1995.

UNESCO. *Educação inclusiva no Brasil*. Brasil: 2015.

UNESCO. *The Open File on Inclusive Edation*. Paris: UNESCO, 2001.

UNESCO. *Inclusão é importante: acesso e empoderamento para pessoas de todas as habilidades*. Brasil: 2015.

VAUGHN, B. *Beyond Physical Education: Interscholastic Sports*. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*, 83(3), 2012.

WADDINGTON, I. A história recente do uso de drogas nos esportes: a caminho de uma compreensão sociológica. *Ensaio sobre história e sociologia nos esportes*. Jundiaí: Fontoura, p.13-43. 2006.

WERNECK, Claudia. *Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva*. Rio de Janeiro, 1997.

7.APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Perguntas sobre Deficiências

1) O que é deficiência?

2) Quais são as deficiências que você conhece?

3) Você conhece alguém com deficiência?

4) Pessoas com deficiências podem brincar e jogar?

5) Você seria amigo de alguém com deficiência?

6) Você convidaria uma pessoa com deficiência para brincar com você?

7) Por que devo aprender sobre deficiência?

8) O que é esporte adaptado?

9) Desenhe o que é deficiência para você.

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA



Autorização de pesquisa

Florianópolis, 15 de MAIO de 2018

Por meio desta apresentamos o acadêmico **PAULO MURILO CORREIA CORREIA**, do Curso de Licenciatura em Educação Física, devidamente matriculado na Universidade Federal de Santa Catarina, que está realizando a pesquisa intitulada “Qual o efeito do esporte adaptado como conteúdo curricular de educação física nas atitudes de escolares sobre a deficiência?” sob orientação da Profª. Dra. Bruna Barboza Seron. O objetivo do estudo visa analisar as atitudes de escolares sobre deficiências após a intervenção do esporte adaptado como conteúdo curricular de Ed. Física na escola.

Na oportunidade, solicitamos autorização para uso do material das intervenções de estágio com a turma do 5º ano e a professora regente e o acesso à escola EEB Getúlio Vargas como produção de pesquisa. A coleta de dados se deu por meio da observação não participante e entrevistas semi-estruturadas. Asseguramos a preservação da identidade dos envolvidos.

Declaro para os devidos fins e efeitos legais, como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do referido projeto e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Agradecemos a sua compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento acadêmico e profissional do estudante. Em caso de dúvida, você pode entrar em contato pelo e-mail paulomurilocorreiacorreia@hotmail.com ou pelo telefone (48) 999515119 (Paulo Murilo Correia Correia).

Bruna Barboza Seron

Prof. Dra Bruna Barboza Seron
Professora/Coordenadora

Paulo Murilo C. Correia

Paulo Murilo Correia Correia
Acadêmico/Pesquisador

Emo Heller

Professora/Coordenadora Pedagógica

ALC

Diretora EEB Getúlio Vargas



8. ANEXO

ANEXO A – MÚSICA INCLUSIVA

AUTOR / FALA MANSO E BOLINHA - RJ
RITMO / BENGUELA
NOME / A CAPOEIRA INCLUSIVA

VOCÊ NÃO SABE, NEM IMAGINA
COMO É SER DIFERENTE
NO OLHAR DE QUEM JULGA A GENTE CORO
E NÃO CONSEGUE ENTENDER
QUE SOU IGUAL A VOCÊ

UM POUCO DE ATENÇÃO, TALVEZ
UM POUCO MAIS DE CARINHO
VAI DA FAMÍLIA AO SEU OLHAR
INFORMAÇÃO É O CAMINHO
POR ISSO SOU CAPOEIRA
QUE NÃO ME DEIXA SOZINHO

PARALISIA NÃO É O FIM
PORQUE ME OLHA ASSIM
TALVEZ VOCÊ NÃO IMAGINA
TEM SENTIMENTO EM MIM
E UM AMOR PELA VIDA
QUE NÃO ME FAZ DESISTIR

É TRISSOMIA DO CROMOSSOMO
O NOME ORIGINAL
E ME FAZENDO NASCER ASSIM
CHAMAM DE SÍNDROME DE DOWN
MAS NÃO ME SINTO INFERIOR
NO TOCAR DO BERIMBAU

E EU NÃO POSSO ENXERGAR
MAS ESCUTO O CANTAR
FORTALECENDO A MINHA ALMA
GUIANDO O MEU CAMINHAR
E DO OLHAR QUE ME CONDENA
É ESSE SIM QUE DA PENA

O SILÊNCIO É O MEU MUNDO
EU NÃO POSSO TE OUVIR
MAS OBSERVO NA ATITUDE
ASSIM VOU TE DESCOBRIR
COMO UM BOM CAPOEIRA
NO JOGO Á CONDUZIR

O PRÉ CONCEITO É ESCURIDÃO
ABRA O SEU CORAÇÃO
NÃO TENHA MEDO EM ME CONHECER
PRA MIM É SEMPRE UM PRAZER
A CAPOEIRA TE ENSINA
QUE SOU IGUAL A VOCÊ

